



GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista
 (Litterario e Noticioso)
 Orgão e propriedade da
 Junta Municipal de Guimarães
 Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO

VISITAÇÃO
*Partid' sude arrepolones
 As pejanon a la culyada
 Anzi yo di una puçada
 A ieno do los rascones
 GABRIEL*

Director:
 D. José Ferrão.
 — Adm. e Editor:
 Domingos Ribeiro.
 Comp. e Imp.: MINERVA RIBEIRO
 Rua do Gil Vicente, 84 e 86 — GUIMARÃES

REVOLUÇÕES

Continuam os jornais a dar notícia de manejos radicais tendentes a uma proxima revolução que se anuncia como coisa certa.

Ora as revoluções, quando profundas e legítimas, são um produto irreprimível da necessidade nacional, elaborado na quele ambiente propicio á liquidação moral dos governantes e á encarnação dos paladinos que a encarnam, e não apenas do plano militar segundo o qual se desenvolvem e do numero dos conjurados que a realizam. A verdadeira força revolucionaria é superior aos homens e ás combinações dos seus esforços, embora estes julguem de encadeá-la por suas proprias mãos quando não são mais do que instrumentos da sua existência e vitalidade. Podem orientá-la, corrigi-la, definir as suas leis; mas não podem combatê-la nos princípios que a informam nem creá-la pelo simples poder da sua vontade. Essas creações, sejam qual forem as suas primeiras causas, pertence á sociedade nacional — e só então, quando bem interpretada pelos que a objectivam, a revolução com justiça vence definitivamente, perduram os seus resultados, — como se está vendo na Italia com o Fascio e na Espanha com Rivera — e a situação que dela deriva tem força natural para dominar a desordem e adquirir a paz necessaria ao desenvolvimento e applicação do seu programa.

As outras revoluções, aquellas que nada justifica — como a falada revolução radical — por que nãuhum problema nacional pretendem sequer resolver e aspiram unicamente a determinar a hegemonia duma empresa particular de bulhas politicas, aquellas que se constituem por mera combinação entre elementos que na conjugação das suas forças heterogeneas encontram o seu poder de unidade e triunfo e a nada mais devem a sua vitória, — serão sempre tão duradouras como a comunidade de interesses entre os seus caudilhos, comunidade de interesses que o poder, fonte de ambições, em breve destruirá, aniquillando a situação creada pela revolução vencedora, como aconteceu com a tragica de 19 de Outubro de 921.

Exitos de uma quadrilha sobre outras quadrilhas desprezadas, a sua vitória dura apenas o tempo bastante para que a quadrilha vencedora se prepare a surpreender a quadrilha vencedora quando esta já esteje distraída a roer os louros ou quando a quadrilha vencedora não acorde na repartição das benesses proprias do poder.

Todas as revoluções republicanas são claro exemplo desta vitória de interesses combinados. Puros bamburrios, vencendo ou perdendo por bamburrio porque em nenhuma aspiração nacional se baseia a sua razão de vencer ou perder, elas vão constituindo a vida do regimen num enca-

deamento de sangrentos combates de bandos sem lei e a Historia Patria num rosario de desgraças e vilezas.

E' assim que ha treze anos os grupos politicos assaltam o poder e logo se transformam, pelo exito, em oligarquias revolucionarias, despoticas como todos os poderes que não podem digerir a violencia sem principios, governam de revolução a revolução um país que está absolutamente divorciado daqueles que a coronhada e a ti o dispõem, em Lisboa, dos seus destinos. Sempre na republica assim foi, assim é hoje e é lei do regimen que sempre assim seja — porque tal procedimento é o seu processo de governo, imodificavel porque é inerente á propria natureza da republica.

Esta forma de ser, pelos males, de momento pouco apreciaveis mas fundamentalmente mortais, que causa á Nação, representa um dos mais fortes exemplos da inviabilidade e do lesa-patriotismo que as instituições republicanas representam para Portugal — porque ninguém de boa-fé poderá descobrir que parcela do amor da Patria tem influido em qualquer das bernardas republicanas que tenham vencido ou fracassado.

A republica faz uma vida á parte da Nação — a vida formada pelos caprichos e interesses particulares dos que lhe são aditos.

Felizmente, alguma coisa nos proíbe succumbir perante a fatalidade da catastrophe que o revolucionarismo permanente do regimen vai tecendo irrevogavelmente á Patria. Algum dia estas revoltas, cuja noticia nos chega como uma badalada em dobras de agonia, darão lugar a uma paz fecunda, elaborada por uma Nação una nos seus principios morais pela doutrina que anela e nos seus elementos materiais pela coesão que essa doutrina impõe a todos os elementos da Sociedade que a formam. E que, a par do sangrento borbulhar das bernardas republicanas, existe, irreprimível, a base moral, que, algum dia, forçosamente se objectivará, duma Revolução Nacional, assombrosa de poder e justiça, informada pela esperança de todos os bons corações portugueses, a unica justa e definitiva que na Patria se motiva e pela Patria vencerá: a nossa Revolução para Restauração de Portugal pela Monarquia Nova.

Pronunciamentos liberais ou radicais só annunciam o Resgate como o fumo annuncia o fogo purificador.

M.

Como a ditadura floreceu no passado, mesmo antes de ter consagração official, o futuro a conservará, porque não poderá extinguir-se ás mesmas necessidades que a fizeram nascer.

COMO AGUA...

tudo quanto dissemos. E não só o regime foi pisado nas cavernas maçonicas, como, tambem, tem estado sempre sob a protecção da Maçonaria.

Assim, lembra-me ter lido em 1911, no «Tempo», de que era director Antonio Macieira, a noticia da sessão de 26 de março do Grande Oriente Lusitano, em que o «Ir. . . Afonso Costa» foi dar conta da lei de separação, afirmando que «EM DUAS GERAÇÕES» ela faria desaparecer o Catholicismo em Portugal.

No Boletim maçonico, de Junho de 1923, do «Grande Oriente», encontra-se a noticia de uma curiosa sessão solene em Lisboa, realizada pelas 22 horas de 20 de abril de 1913, no «magnifico templo José Estevam», para comemorar o segundo aniversario dessa lei, levada a effecto pela Resp. . . Loj. . . Cap. . . «o Futuro», noticia esta que estamos prontos a transcrever na íntegra se o articulista assim o desejar.

A essa sessão assistiu o «Poderoso» I. . . Dr. Afonso Costa, que discursou, sendo então pelo «Pod. . . Ir. . . Costa Pina», Ven. . . eleito da Resp. . . L. . . «o Futuro» comunicado que o Sup. . . Cons. . . querendo especialmente comemorar a data da promulgação da lei da Separação, delibera elevar ao SUPREMO GRAU DE CAV. . . KADOSCH O POD. . . IR. . . DR. AFONSO COSTA, que nele acabava de ser investido em sessão especial daquelle alto cargo maçonico antes da sua comparencia nessa festa.

A L. . . «Futuro» orgulhase de ter nas suas colunas um tão assinalado «obreiro» que NO GOVERNO DA REPUBLICA TEM FEITO «OBRA MAÇONICA» (sic) e patriótica».

Ha mais, muito mais ainda, mas crêmos desnecessario fazer referencia. Apenas provamos que tudo quanto dissemos é a expressão nua e crua da verdade e o «como agua...» é que mente, calunia e infama em todo o seu arrasado.

Quanto a irmos «cavar pés de burro» estamos dispostos a seguir o conselho quando o articulista nos disser onde enterrou os seus.

A.



A IMACULADA CONCEIÇÃO

O' Santa Padroeira Imaculada
 Desta Patria bendita e sem rival,
 Salve! Rainha excelsa e divina!
 — Mas de Deus e dos homens, és chamada!...

Do Condestabre bélico, afinal,
 Poste grande heroína consagrada,
 E mais tarde salvaste, Idolatrada!
 Dos espanhois o lindo Portugal!

Em todo o coração de luso crante
 Teu nome reinu oante e refulgente,
 Teu nome todo feilo de beleza!...

O' Santa Imaculada Conceição
 Vem salvar outra vez, em redenção,
 A cativada Terra portugussa!...

(Do livro inédito: «FÉ»).

Ruy Galvão de Carvalho.

A enxurrada...

O sr. Velhinho Correia e o sr. Lucio de Azevedo atiraram um ao outro, a propósito daquela ignobil historia dos «discos», apostrofes veementes, em que mutuamente se accusavam de mentirosos. Estes senhores são, como toda a gente sabe, pessoas gradas no regimen e tem sido ministros com mais ou menos aura de grandes estadistas.

E como os dois ex-ministros — porque o sr. Velhinho tambem já foi á viola — hão de continuar a ser pessoas de muita categoria e estima dentro do regimen que os criou e os elevou, e como ainda, um dos dois, pelo menos, mereceu a injuria chamada no circo de S. Bento, é legitimo concluir-se que tudo isto não passa de trapaçocracia ou mentirocracia, levadas actualmente até ao limite maximo do inconcebível, consoante o jornalista republicano sr. dr. Trindade Coelho afirmava na preterita terça-feira, em fundo, em «O Primeiro de Janeiro», jornal bem vincadamente republicano, como geralmente é sabido...

Este caso das moedas é mais um a juntar aos escandalos impunes. Dentro de pouco tempo levanta-se outro escandalo, a atenção do publico é desviada para ou-

tros assuntos e não se fala mais no caso.

Apenas o povo dirá, nas suas horas de scepticismo e mau humor: — São todos muito honrados, mas as massas... *abdam.*

Percebemos

Se algumas duvidas restassem acerca da moralidade da nossa qu'rida republica, bastava o extracto da sessão de terça feira, em que no circo de S. Bento se disseram das boas e das bonitas, para tirar todas essas duvidas.

Só espiritos dementados ou cegos poderão continuar a defender a moralidade virgem do regimen que para si se arrasta de escandalo em escandalo, levando o País ao caminho da perdição e da vergonha.

Talvez fôsse essa a razão de o deputado Cunha Leal ter afirmado que «UM PAIS QUE CONSENTE TUDO ISTO NAO TEM DIREITO A VIVER».

Na sessão a que nos vimos referindo e em que foi discutido o caso dos discos, chegou-se á conclusão que, quando é chegado o momento das responsabilidades, todos se agarram a a uma taboa de salvacao, pondo em execução o jogo de empurra, atirando com as responsabilidades uns aos outros.

E, assim, o sr. Velhinho Correia, em resposta ás afirmações do sr. Lucio de Azevedo, declarou que tudo tinha corrido por conta e risco do director da Casa da Moeda, o que levou este a declarar: «Mente! Mente! Tenho aqui o officio que dirigi a V. Ex.ª, e em que começo por dizer-lhe que, e de harmonia com as ins-

trações que me deu, na nossa conversa de ha dias etc. etc. terminando por declarar que tudo quanto fez foi ordenado pelo ministro.

Ora, realmente, quem não defende *tudo isto* sempre é muito «jasuita».

Por isso o outro diz que não defende «regimens de cacete e de adeamento». Se percebemos? Oh! muito bem!

Religião e Portugal

É sempre o sentimento da Fé que faz grande e respeitada uma Pátria.

Roma tornou-se o emporio do antigo mundo, quando os seus filhos tiveram o verdadeiro sentimento da Fé.

Os guerreiros e os admiráveis artistas das Letras e das Sciencias de Atenas, tornaram-se celebres, porque eram crentes.

Nas colossais e estupendas Pirâmides do Egipto, está bem gravado o sentimento da Fé que os egípcios tinham.

É, sobretudo, na época medieval que o sentimento da Fé chega ao apogeu com as Cruzadas. As maravilhosas catedrais são o exemplo desse sentimento elevado.

Nos difíceis rendilhados que harmonizam belamente a sua compostura externa há a mistica e sublime demonstração do sentimento da Fé. Os magestosos Templos da Batalha e dos Jeronimos concretizam plenamente esse Sentimento.

Se não fosse o sentimento da Fé Afonso Henriques não teria tido o milagre de ver liberta dos mouros a terra bandida de Santa Maria; não teria sido aclamado vitoriosamente Rey de Portugal nos verdes e fertéis campos de Ourique!

Se não fosse o sentimento da Fé o santo Condestabre não teria ganho na pequenina mas historica villa da Batalha, a grande victoria de Aljubarrota. Se não fosse o sentimento da Fé Portugal não teria sido o senhor do mundo, quando mandava as suas fragatas naus em demanda de terras até então desconhecidas.

Se não fosse, enfim, o sentimento da Fé Portugal não se teria depois resgatado do duro jugo dos Castelhanos. Filipa de Villena não teria armado cavaleiros os seus filhos queridos... Portugal começou a tornar-se pobre quando os seus filhos começaram a ter pouca fé.

É que a fé chamada Religião é o forte elo que liga a criatura humana com Deus, e torna duradoura a existencia duma Pátria.

«A lingua e a religião são as duas cadelas de bronze, que unem, no correr dos tempos, as gerações passadas ás presentes, e estes laços, que se prolongam através das éras, são a pátria», na frase eloquente e autorizada de Herclano. Se Portugal ainda existe, é porque tem ainda filhos que conservam religiosamente, como sagrado patrimônio, o sentimento da Fé no ritmo snavissimo da sua lingua. Oxalá que esse divino Sentimento se propague a todos os cantos desta boa terra; que invoque o Passado glorioso da nossa Pátria, que erle novas e fecundas seivas nos corações de todos os portugueses; que, finalmente, sirva de base para a construção duma nova Pátria.

Ano da Graça, 18—10—923.

Ruy Galvão de Carvalho.

A Ditadura é, antes de mais nada, uma força que se impõe, em certas horas da existencia das sociedades, como uma necessidade ineluctavel.

A representação,

O espectáculo a que o país tem assistido é tão revoltante de iniquidade e baixeza que não se sabe se será possível descer ainda mais.

O deputado Cunha Leal declarou alto e bom som: Não quero esta Republica, que é uma Republica de escandalos perpetuados.

«Esta Republica de administração vergonhosa, não a quero; o que eu quero é uma coisa absolutamente diversa».

«Acima de republicano, devo ser e sou português».

«Estas vergonhas abrangem não só a Republica, mas também o país, porque um país que as consente não tem o direito de existir».

«Vivemos numa Republica de escandalos perpetuados, em que não só os criminosos ficam impunes, como até são glorificados, (com vista ao tal «Xixes»... das pêtas) com convites para banquetes officiais».

Os homens publicos do regimen, ministros, ex-ministros e futuros ministros afirmam punhados de lama uns aos outros e o velho casarão de S. Bento é o vassaluro atroado por um inacreditavel vizear de regateiras. Pois é aquilo a chamada «representação nacional» ou a sempre apregoadá «soberania do povo»?

Se o parlamento representasse a Nação, tristissima e desalentadora seria a ilação a tirar destes factos. Felizmente o parlamento representa apenas as oligarquias politicas e essas—em boa verdade—estão devidamente representadas.

O parlamento representa as quadrilhas politicas. É por esta razão que Portugal necessita, para se elevar, que todas essas quadrilhas, quer acobertadas pelo liberalismo monarchico ou pela bandeira verde-rubra, desapareçam para todo o sempre, para darem lugar á verdadeira representação corporativa e municipalista.

Nunca a maquina de Eralho teve tanta oportunidade... de funcionamento.

Juventude Catolica

Como informamos no nosso jornal, realisa-se, no proximo dia 30, a Assembleia Geral dos socios desta simpatica Colectividade, no salão nobre da Associação Artistica Vimaranesense, á Rua de Gil Vicente, para serem tratados casos de interesse capital para a vida da Juventude.

Certos estamos que, nessa reunião, algo de proveitoso vai ser discutido e resolvido e, assim, a Juventude Catolica subsistirá ao vendaval que pretende desmorona-la.

A falta de casa é, ao que nos informam, a principal dificuldade que é urgente remover. Parece-nos que não será difficil, tanto mais existindo como existem, algumas casas vagas de que são proprietarios catolicos praticantes, que, certamente, não se recusarão a prestar o seu auxilio á Juventude.

É preciso uma conjugação de esforços. E nessa reunião esses esforços devem ser congregados. Consta-nos também que que virão assistir a esta reunião os snrs. Padre Santos Portela, presidente da Comissão Arquidocesana, e Dr. Francisco Veloso, presidente da Federação Norte das J. G. É necessario, também, que os socios fundadores—aquelles a quem mais de perto interessa o prosseguimento da obra encetada—apareçam a prestar o seu auxilio. E, assim, nós veremos a Juventude prosseguir no seu caminho.

A luta contra a republica deve ser feita por todos os bons portugueses que semia de tudo collocar o bom nome e interesse da sua Pátria!



Males do exercito

Dando inicio a esta secção temos em vista arquivar nas nossas colunas tudo quanto de interesse se passe e possa ficar despercebido. E, assim, não podemos iniciar esta secção com tanto brilho como o que resalta da carta que o distinto militar snr. major Ferreira do Amaral escreveu ao snr. Antonio Maia, ha dia inserta no «Diario de Lisboa» e que occasionou uma circular do Ministerio da Guerra, que vergonhosamente responde ao louvavel desassombro com que esse distinto officil, autor de «a Mentira da Flandres e... o modo», enumera algumas providencias, tidas por indispensaveis para restituir ao exercito o prestigio de que gozava, e que, por culpa, especialmente, dos poderes publicos, tão deprimido se encontra.

Mas, iniciemos a transcrição dos periodos mais sensacionais que essa carta encerra:

«Assim, por exemplo, não se fala em obrigar todos os officiais superiores das armas a fazerem o seu exame de major, quando o não tenham».

Tambem não refere o facto paradoxal dos officiais praticos poderem estar no activo até atingirem o limite de idade, enquanto que, um coronel de Cavalaria com o curso da arma se é chamado a tirocinio para general e não quer fazer esse tirocinio é reformado!

Isto já deu em resultado um coronel de cavalaria com o curso da arma requerer ao parlamento para ser considerado «pratico», a fim de poder continuar no exercito activo até atingir o limite de idade!

E sobre os officiais que se reformaram desde 4 de Agosto de 1914 e nessa situação se deixaram ficar «embucados» até ao armistício, para, depois dessa data e só então reclamarem da sua situação voltando ao activo?

E os que se reformaram durante a guerra e até em França, e que depois a titulo de «altissimos serviços á Republica», voltaram ao activo depois de acabada a guerra?

Como se houvesse serviços á Republica que apaguem faltas de decoro pessoal e militar!

Eu acho que um regimen, para se defender e dignificar, não precisa dos serviços desses figurões, ou então mal vai a um regimen que precisa «disso»!

E os que, tendo estado na guerra, deram de si as peores provas, chegando a ser castigados, por inepcia, desleixo, incuria, covardia disfarçada, e que, a titulo de «grandes revolucionarios» e «muito bons republicanos», estão hoje com a folha limpa e até com uma Torre Espada ao peito!

Meu caro Maia, quer que lhe fale com franqueza?

O seu projecto vai ter um enterro de terceira classe, como tiveram dois anteriores sobre a moralisação dos quadros dos officiais e que eram da autoria do major Ribeiro de Caryalho e do coronel Pina Lopes.

É preciso pôr a claro a situação irregular de officiais milicianos, mas também é necessario limpar os quadros do exercito permanentemente de muito «lixo» que por cá ha.

E que me diz o Maia a esse escdracho miseravel que existe entre os officiais do exercito português, e que valorisa a sua existencia nas fileiras do exercito denunciando a torto e a direito os seus camaradas?!

Não ha uma lei que escorraça esses miseraveis a pontapé? Não ha, porque é a propria lei

que de tudo os absolve se denunciarem os seus camaradas á policia de segurança do estado!

Ha uma lei para esses esbirros fardados, meu caro Maia!

Ha uma lei que «nobilita» esses policias amadores!

E os officiais que com corneteiros, sergentes «tuti-quantis» fazem parte de grupos de 13 e quejandoz!

Para os officiais do exercito que se presam de o ser só ha um meio de bem defenderem o regimen que é, de armas na mão.

Tudo o resto é uma abdicación do brio militar.

A farda é incompativel com a covardia, mas também o é com uma espionagem miseravel e doentia, que tem feijo de alguns officiais do exercito, esteios do regimen.

Esses têm que escolher: ou officiais, ou bufos ofientos e reles.

E os que conspiram com sergentos, marinheiros e «tuti-quantis?»

ISTO, «meu caro Maia» não tem duração possivel por lei nenhuma!

Só o tempo a fará ou... então um Beresford! Cá em casa ninguém tem força para fazer uma boa limpeza...

Estou em dizer que quanto mais lhe mechem, mais mal cheira.

E aqui tem o Maia o que eu penso do seu projecto.»

LIVROS NOVOS

Editado pelas livrarias de Tavares Martins, Succesores e Americo Fraga Lamares & C.ª Lim., do Porto, acaba de aparecer a *Influencia do optimismo e da alegria na saude fisica e moral*, formoso livro do doutor americano Orison Swett Marden, autor da *Alegria de viver* e traduzido pelo distinto publicista Antonio Figueirinhas.

Livro excellento, recomendamos-lo aos nossos amigos.

Juventude Catolica

Assembleia Geral Extraordinária

Por ordem do snr. presidente, são convidados os socios desta colectividade a reunirem-se em sessão extraordinária (art.º 22.º dos Estatutos), no salão nobre da Associação Artistica Vimaranesense, no dia 27 de Outubro, pelas 20 h2 horas, para se tratar de assuntos importantes, que se prendem com o futuro da Juventude.

Se não comparecer número legal de socios, ficará a sessão adiada para o dia 30, pela mesma hora, e no mesmo local, funcionando com qualquer número de socios.

Guimarães, 19 de Outubro de 1923.

O 1.º Secretário,

Antonio José Pinheiro Junior.

«Gil Vicente»

Já enviamos para o correio os recibos respeitantes ao primeiro semestre do nosso jornal.

Esperamos, pois, de todos os nossos amigos e prasados assinantes o seu pagamento, tanto mais que está vencida já a assinatura, pois terminou com o numero 26.

Ninguém ignora já hoje as inumeras e sempre crescentes dificuldades dum jornal de provincia principalmente nas condições do «Gil Vicente», que não defende clientelas politicas, nem faz o jogo da Finança.

O nosso jornal vive exclusivamente da dedicação dos seus amigos e dos seus assinantes. Assim, renovando o nosso pedido, esperamos dever a todos a fineza do pronto pagamento dos seus recibos, evitando-nos novas despesas com a mesma cobrança.

EXECUÇÃO PERFEITA TRABALHOS EM CORES



CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.º Sr.